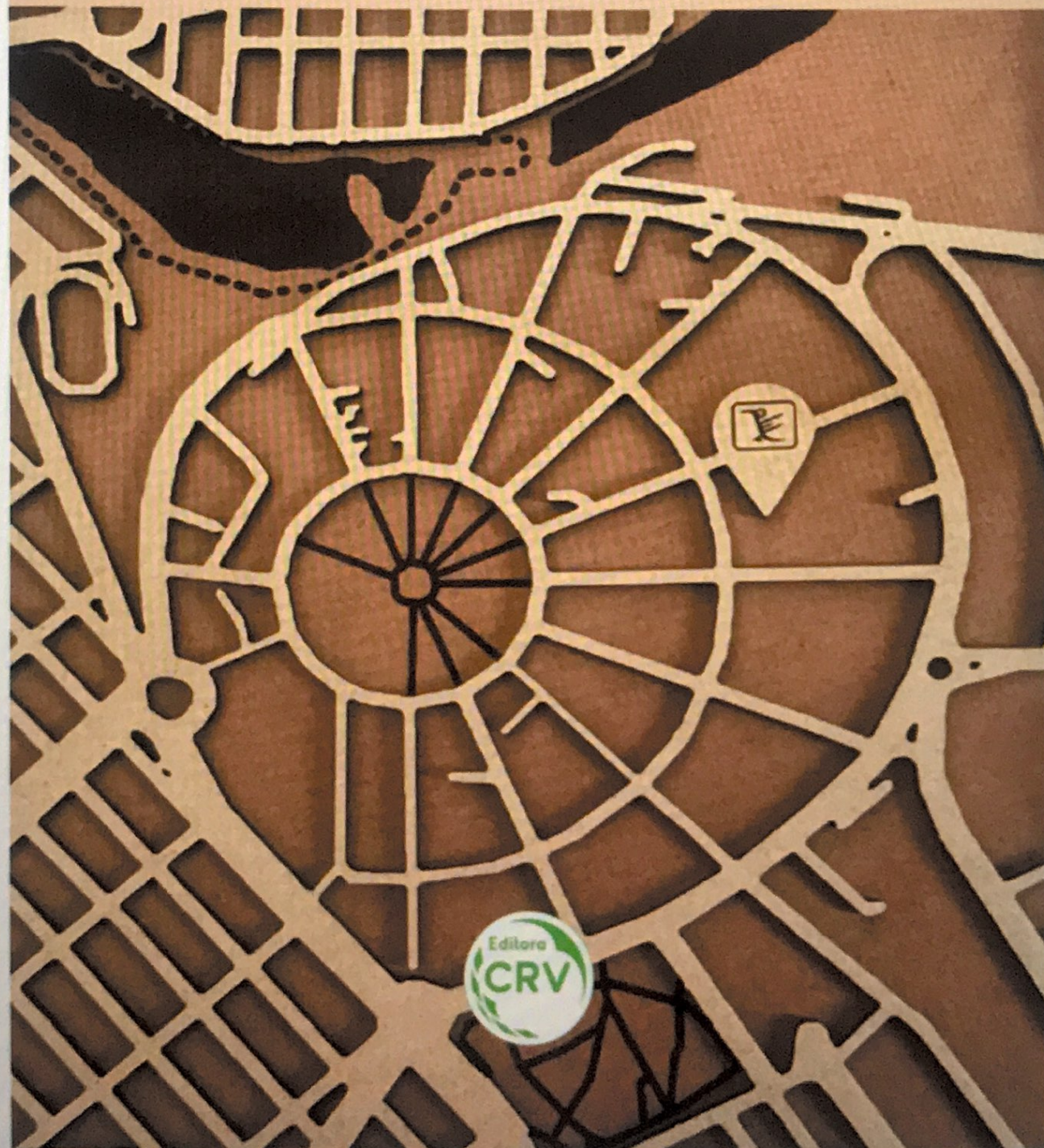


TODOS PELA INCLUSÃO ESCOLAR

dos fundamentos às práticas

Maria Teresa Eglér Mantoan
José Eduardo de Oliveira Evangelista Lanuti
(organizadores)

LEPED
25 ANOS



**Inclusão escolar e pertencimento, cruzos a partir da experiência:
capoeira e decolonialidade.**

Norma Silvia Trindade de Lima

Estação Primeira

Escrevo a partir de uma mobilização intensa e difusa gerada pelo grato convite: celebrar os 25 anos do LEPED. Afetos e atravessamentos de um longo percurso, composto por temporalidades fluidas: almoços, cafés, viagens, aulas, projetos, defesas de teses, aniversários, grupos de estudo...enfim, fragmentos de encontros num percurso formativo. Essas linhas estão molhadas ... melhor dizendo, encharcadas de emoções que escorrem despercebidamente entre letras, espaços e gramáticas. Meus dedos deslizam no teclado como se buscassem a melodia perfeita para este momento, embalando meus pensamentos que se movimentam como se bailassem suavemente entre focos de luz e sombra, na pista de dança de um passado recente. Um pouco desnorreada, um tanto inebriada, olho para a tela que aos poucos compõe uma narrativa que faça sentido posterior a este tempo que aqui estou. Conduzido pela experiência, este escrito esboça um ensaio gestado em uma narrativa (auto)biográfica, a fim de compartilhar desdobramentos de um tempo de aprendizagens no LEPED. Manifesto, minha gratidão e reverência a Professora Egler por sua luta e contribuição a todos que passaram e/ou integram o LEPED, esteira de um aprendizado infinito.

As emoções e memórias entre tantos cenários acionados em minha mente ao invés de me ajudar, desafiam ... Desde que recebi o convite para participar desta celebração, me esqueço por entre cenas, vozes, feitos e desfeitos. Penso numa música, as músicas me inspiram, e ouço, encontros e partidas, não – encontros e despedidas.

*[...]E assim chegar e partir
São só dois lados da mesma viagem
O trem que chega é o mesmo trem da partida
A hora do encontro é também despedida
A plataforma dessa estação
É a vida desse meu lugar
É a vida desse meu lugar
É a vida
É a vida desse meu lugar
É a vida...*

LIMA, Norma Silvia Trindade de. Inclusão escolar e pertencimento, cruzos a partir da experiência: capoeira e decolonialidade. In MANTOAN, Maria Teresa Egler e LANUTI, José Eduardo de Oliveira Evangelista (Orgs.). **Todos pela inclusão – dos fundamentos às práticas**. Curitiba: CRV, 2021. p. 121-129

(Encontros e despedidas, de Milton Nascimento e Fernando Brant)¹

Os poetas e artistas me encantam por muitas razões, sobretudo por dizerem coisas não percebidas pelos olhos e/ou coração, numa primeira mirada. Chegar e partir, dois lados da mesma viagem-vida-trem em uma plataforma sem fim...

Ouçõ esta música, silenciosamente cantada, em minha memória, ao pensar no LEPED.

Antessala

Cheguei antes um pouco. Despretensiosamente, aguardei a hora da chamada.

Há 25 anos, em 1996, ingressei no mestrado, com a Egler (sempre a chamei assim). No entanto, a conheci alguns anos antes, em função de demanda profissional por organizar um projeto educacional que orientasse as ações de uma instituição para pessoas em situação de autismo. Procurei, na Faculdade de Educação da Unicamp, quem trabalhava ou se aproximasse de minha “pérola”, princípios educacionais inclusivos, ainda dentro da concha. Naquela ocasião me encontrava num lugar de coordenação na referida associação de pais. Trabalhava com uma equipe de pedagogas, cedidas pela Secretaria Municipal de Ensino de Campinas, não sendo pedagoga. Estávamos em 1993.

Vale dizer que a minha relação com aquelas crianças, era anterior a este período. Comecei a trabalhar na associação, recém-criada por um grupo de pais de crianças, identificadas como “autistas”, no início de 1990, razão pela qual vim morar em Campinas. Era, inicialmente, um projeto alternativo ao propósito de institucionalização, por isso fui capturada pelo desafio e mudei de cidade para compor a pequena equipe profissional, na ocasião. A proposta me reconectava com a minha formação inicial em psicologia.

Havia finalizado uma experiência terapêutica/política, a Somaterapia, em São Paulo, onde morava. Além de mudar de cidade, iniciar o trabalho na (incipiente) associação, também iniciava na capoeira, como um desdobramento da experiência com a Somaterapia. Mais à frente, a capoeira voltará à cena.

Fui muito bem acolhida pela professora Egler. Participei, como aluna ouvinte, em uma disciplina na graduação da pedagogia que ela ministrava. Sentia necessidade de me aproximar do universo da educação, para sistematizar o projeto institucional/educacional e tentar favorecer uma continuidade do trabalho com as crianças. Havia uma rotatividade

¹ Interpretação de Maria Rita: <https://www.youtube.com/watch?v=oJPDJUOErlo>

anual entre as pedagogas que iam trabalhar na instituição, o que dificultava, sobretudo considerando a necessidade de rotina e familiaridade que aquelas crianças demandavam. Ademais, a sistematização de uma concepção educacional era vital, no meu entendimento, contrariando uma tendência comportamentalista de trabalho com aqueles pequenos. E, foi esse o movimento que me levou em direção à professora Egler.

Naquela ocasião, eu não tinha pretensões acadêmicas, além de organizar o projeto que orientasse as ações na associação. O meu envolvimento com o trabalho e com as crianças era pleno e verdadeiro, repleto de sonhos e ousadia.

Semente jogada em terra fértil, floresce...

Um dia, no corredor da FE, Egler me perguntou se eu não me candidataria ao Mestrado em Educação. Fiquei surpresa e lisonjeada com a provocação. Aceitei o desafio, sem ter muita noção de como as coisas funcionavam. Não conhecia a Unicamp. Para mim, era tão somente uma universidade pública de referência.

Estudei na Universidade Santa Úrsula, no Rio de Janeiro, entre 1980 e 1985. Sempre gostei de estudar e de me aventurar... Afeita às viagens, fui para a estação sem bem saber ao certo qual o trem ... muito menos o roteiro da viagem, que por sinal, dura até hoje.

Como era psicóloga, ingenuamente, me inscrevi para o departamento de psicologia. Egler era de outro departamento, o de Metodologia de Ensino. Mas, como já disse, não conhecia os trâmites e dinâmicas institucionais da Faculdade de Educação da Unicamp.

Foi um período de muito estudo e dedicação. Submeter projeto e fazer uma prova de caráter eliminatório, cuja bibliografia era do campo educacional, naturalmente, e nada familiar. Sendo aprovada, seria convocada para a entrevista. Pois bem, cheguei à entrevista, mas não fui aprovada. Fiquei muito chateada. Mais tarde, pude compreender que havia me enganado de departamento. Palavras generosas e alentadoras me incentivaram a prosseguir. No ano seguinte, estava eu lá novamente, me submetendo ao processo seletivo, e, ufa, fui aprovada. Era então o ano de 1995. Finalmente, no ano seguinte, iniciava meus estudos no mestrado em Educação com orientação da querida professora Mantoan. Mestrado e Doutorado foram desenvolvidos no LEPED, entre os anos de 1996 e 2003 (LIMA, 1998; 2003). A inclusão foi o eixo central dos estudos desenvolvidos, com interlocução fundamental da professora Mantoan.

LIMA, Norma Silvia Trindade de. Inclusão escolar e pertencimento, cruzos a partir da experiência: capoeira e decolonialidade. In MANTOAN, Maria Teresa Egler e LANUTI, José Eduardo de Oliveira Evangelista (Orgs.). **Todos pela inclusão – dos fundamentos às práticas**. Curitiba: CRV, 2021. p. 121-129

A graduação inicial em psicologia no Rio de Janeiro nos anos 80, período de redemocratização e insurgências, criou condições para a suspeita frente a referências e posturas totalitárias e colonizadoras. A inclusão no campo educacional contemplava minha percepção de mundo e oferecia chaves de compreensão e argumentação a partir de princípios que reconheciam a legitimidade da singularidade e criatividade, próprias da condição humana. Encontrei assim, uma cara interlocução com a Professora Mantoan.

A experiência profissional acumulada em alguns anos de trabalho em diferentes instituições, com diferentes pessoas que ofuscavam o espelho da normatividade, gerou uma série de inquietações e indignações, transformadas em estudos.

A experiência pessoal, colaborou um tanto neste processo. Tornava-me aos poucos uma capoeirista, adentrando no universo de um bem cultural, afrodiaspórico, com gentes, rituais, musicalidade, símbolos, ancestralidade e saberes produzidos nas brechas de um contexto perverso e desumano, o Brasil colonial.

Reconhecida como patrimônio cultural imaterial do Brasil (IPHAN, 2008) e da Humanidade (UNESCO, 2014) a capoeira, no esteio das conquistas políticas inclusivas afirmativas, como um bem cultural de natureza imaterial, em sua potência educacional, de acordo com meus estudos e experiência, colabora e se alinha aos princípios educacionais inclusivos, integrando os direitos constitucionais, a saber: o direito à educação e o direito aos bens culturais, artigos 205, 215 e 216 da Constituição Federal (1988). Nessa perspectiva, a noção de ancestralidade e pertencimento foram ganhando relevância em minhas reflexões, a partir de uma “consciência de ancestralidade” reiterando o meu sentimento de pertencimento, o que mobilizou o compromisso de conciliar os estudos acadêmicos com a iniciação na capoeira, inspirada em Santos (2020) de que (in)justiça social implica em (in)justiça cognitiva. Problematizar modos de dizer, pensar e agir que, a partir de uma exterioridade, categorizam e dizem sobre o outro, subalternizando, desqualificando, despotencializando as culturas e a singularidade humana, violando direitos constitucionais, tornou-se uma responsabilidade. O outro construído discursivamente tem sido alocado/categorizado, ainda, numa noção negativa de diferença, corroborando com a ilusão de controle/conhecimento e poder sobre aqueles e aquelas que se afastam de um padrão naturalizado, embora constituído historicamente no seio da lógica do pensamento moderno colonial. Saberes instituídos, marcadores sociais e categorias diagnósticas gestados na diferença colonial invisibilizam e negam a

LIMA, Norma Silvia Trindade de. Inclusão escolar e pertencimento, cruzos a partir da experiência: capoeira e decolonialidade. In MANTOAN, Maria Teresa Egler e LANUTI, José Eduardo de Oliveira Evangelista (Orgs.). **Todos pela inclusão – dos fundamentos às práticas**. Curitiba: CRV, 2021. p. 121-129

outridade, deslegitimando modos outros de viver, sentir, dizer e fazer, muito embora, a diferença é o que nos caracteriza, o que nos singulariza!

Inclusão e pertencimento

Nas histórias que conto, por prazer o ofício, não cabem grandes batalhas, feitos extraordinários, líderes políticos, gênios da humanidade [...] “uma é maior, outra é menor, a miudinha é a que nos alumeia /pedrinha miudinha de Aruanda, êh!” eu sou maravilhado pelas pedrinhas miudinhas, nelas me vejo e delas faço o meu pertencimento.[...] (SIMAS, Esclarecimento sobre as pedras, p.13)

Visando compartilhar reflexões mobilizadas há algum tempo, me parece importante mencionar de onde falo, assim como, a partir de quais referências. Tornei-me professora no ensino superior em uma instituição privada há alguns bons anos, a partir dos estudos desenvolvidos no mestrado e doutorado em Educação, conforme já mencionei. Há seis anos, sou docente em uma universidade pública. Vale destacar que a maior parte de meu processo de escolarização foi em escola pública. Tais experiências modificaram significativamente o meu “estar no mundo”, deslocaram e continuam deslocando a minha visão/percepção de mundo e por consequência o meu pensar e fazer, além de movimentar um sentimento de responsabilidade para com esta instituição – a escola pública e o propósito formativo de gerações. Emergem, desse modo, questionamentos recorrentes sobre o sentido do que faço, ou para que serve o que faço? Por que faço?

São reverberações que me acompanham, como sombra perceptível em dias ensolarados. O que muito me alegra, perturba ... e move ...

Me permitam uma digressão. Pois é assim que funciono, com atravessamentos que vão ziguezagueando na esteira do pensamento e da experiência.

Há uma bela cantiga na capoeira que em uma estrofe, canta-se assim: “[...] *a capoeira é um barco é um barquinho, solto nas ondas do mar, tem que respeitar o medo e dosar bem a coragem [...]*”. Sabedoria ancestral presente na musicalidade que anima o ritual em uma roda de capoeira.

Tornei-me, além de professora, uma capoeirista. Evoco para a conversa, a capoeira, posto que mencionei no início da escrita que ela voltaria à cena. Chegou o momento.

(minha) existência, como um barquinho solto nas ondas do mar...

LIMA, Norma Silvia Trindade de. Inclusão escolar e pertencimento, cruzos a partir da experiência: capoeira e decolonialidade. In MANTOAN, Maria Teresa Egler e LANUTI, José Eduardo de Oliveira Evangelista (Orgs.). **Todos pela inclusão – dos fundamentos às práticas**. Curitiba: CRV, 2021. p. 121-129

Comecei a praticar capoeira logo que cheguei em Campinas. Uma das primeiras providências ao chegar na cidade foi buscar um lugar para iniciar, ou melhor dizendo, ser iniciada na capoeira. Assim, aconteceu, no início de 1990.

Durante muitos anos vivi em universos paralelos: lazer e trabalho/estudos, prazer/dever. Naquela ocasião, não percebia possibilidades de cruzos, como entre a capoeira, vivenciada como uma aventura no âmbito do lazer e da alegria, e a vida “produtiva”, “séria”, dos estudos e trabalho. Dicotomias, fragmentos, experiências capturadas pela lógica do pensamento moderno abissal e colonial (SANTOS, 2010; MIGNOLO, 2017). Ambos os autores e outros, problematizam o colonialismo epistêmico, imposto por uma geo-política do conhecimento, seus procedimentos de instauração, organização, produção e circulação hegemônicas. Trata-se de um modo de pensar excludente, autoritário, eurocêntrico, racista, patriarcal e sexista. Mignolo (2008) propõe que a decolonialidade como opção epistêmica envolva uma desobediência desta e nesta geo-política do conhecimento e seus jogos eurocêntricos no âmbito da linguagem. Linguagem como uma prática discursiva, regula códigos, regras e exercícios de poderes que produzem sentidos e significados no mundo social e simbólico, surtindo efeitos nas subjetividades. Nesse sentido, a docência e todo o processo de escolarização estão implicados nestas questões (geo/ego) políticas, no que tange ao horizonte do pensar e do dizer, as epistemologias, as práticas e os seres.

A razão moderna tem uma matriz totalitária, colonial, racista, patriarcal e sexista, por meio da qual classifica e hierarquiza a partir de uma lógica narcísica, critérios que ela mesma instituiu, categorizando pejorativamente, aqueles e aquelas que se distanciam de suas prerrogativas normativas e identitárias.

O modo de pensar e seus dispositivos – enunciados – organizam, comunicam e emolduram uma percepção de mundo, estabelecendo lógicas de funcionamento. Os enunciados nomeiam as coisas, os fenômenos, os sentimentos, enfim, as experiências na/da vida. A linguagem é simbólica e nos constitui. Dito de outro modo, narramos a vida e a nós mesmos a partir de um uso linguístico de signos e significados que vão compondo maneiras/modos de nos percebermos e percebermos os outros. Assim, seguimos enunciando a vida e as coisas de diferentes maneiras, como: as práticas pedagógicas, a música, os jogos, usos dos instrumentos, os rituais, os gestos, e tantas outras. Considerando que as gentes produzem conhecimentos/saberes e práticas em modos de

LIMA, Norma Silvia Trindade de. Inclusão escolar e pertencimento, cruzos a partir da experiência: capoeira e decolonialidade. In MANTOAN, Maria Teresa Egler e LANUTI, José Eduardo de Oliveira Evangelista (Orgs.). **Todos pela inclusão – dos fundamentos às práticas**. Curitiba: CRV, 2021. p. 121-129

viver distintos e múltiplos, o mundo é pluriversal e a co-existência de referências, chaves distintas de compreensão e visões de mundo faz ou precisam fazer parte dos princípios inclusivos. No entanto, por uma disputa desigual de poder, uns foram e, infelizmente, por vezes, ainda são apresentados como verdadeiros e superiores. Enquanto outros foram e são, ainda, produzidos como ausentes, incapazes, inferiores justificando subalternização, exploração, e/ou apropriação cultural, ainda nos moldes coloniais.

Se por um lado, a cartografia materializa em representação gráfica uma realidade, por outro, a realidade é uma percepção/visão de mundo, construída na tensão de disputas e desigualdades de poder, nomeada como realidade. Alguém já disse que vemos o que o modo de pensar nos permite ver.

De acordo com o pensamento decolonial, o colonialismo e o capitalismo são corolários, isto é, são condições de proveniência para a emergência de um sistema que, terminado o colonialismo, instaura mecanismos de colonialidade, em todos os âmbitos da vida social. Colonialidade não é o mesmo que colonialismo, mas o seu desdobramento e manutenção, sendo o lado B/obscuro da modernidade, conforme Mignolo (2017). O colonialismo envolve uma dimensão jurídica-política de uma nação sobre outra, e a colonialidade refere-se a um padrão de poder, saber e ser estabelecido nas circunstâncias de dominação coloniais e capilarizado na vida social, perdurando até hoje. Trata-se, portanto, de um dispositivo que opera nas relações institucionais, nas relações de trabalho, nas relações intersubjetivas e pedagógicas. Assim, a colonialidade, como uma matriz colonial de poder, saber e de ser, agencia, forja e transborda nas diferentes dinâmicas institucionais e relacionais da vida social e subjetiva. Nessa discussão, no âmbito epistemológico, e nessa esteira de pensamento, destaco o racismo epistêmico, aquele que nega legitimidade a povos e saberes outros, sobretudo os afrodiaspóricos.

A geo-política de conhecimento eurocentrada, racista e colonial está naturalizada e incorporada nos processos de escolarização. Ora, os modos de pensar, de enunciar, de simbolizar orientam o fazer educativo. Cabe problematizar a referência de verdade e conhecimento em uma escola pública, laica e referenciada socialmente. Nesta, o ambiente demanda pluriversalidade, isto é, presença, diálogo e horizontalidade ente diferentes vozes e modos de viver, de nomear, de produzir conhecimento. Não sendo assim, como as diferentes pessoas, oriunda de diferentes experiências culturais irão se sentir acolhidas, aceitas, enfim pertencentes. Sentimento de pertencimento e inclusão escolar se cruzam.

LIMA, Norma Silvia Trindade de. Inclusão escolar e pertencimento, cruzos a partir da experiência: capoeira e decolonialidade. In MANTOAN, Maria Teresa Egler e LANUTI, José Eduardo de Oliveira Evangelista (Orgs.). **Todos pela inclusão – dos fundamentos às práticas**. Curitiba: CRV, 2021. p. 121-129

Nessa perspectiva, os bens culturais de natureza imaterial, aqui destaco os afrodiaspóricos, como a capoeira, contribuem para o alargamento e tensionamento de fronteiras epistêmicas, na medida em que suas práticas, seus símbolos, rituais, seus integrantes e saberes narram dimensões históricas, culturais e ancestrais que compõem a sociedade brasileira (LIMA, 2019; 2020). O desconhecimento favorece o preconceito, favorecendo a discriminação, a subalternidade, o sexismo e o racismo. O sentimento de pertencimento e ancestralidade ampliam sobremaneira a responsabilidade para com o mundo, assim como confere legitimidade de estar no mundo, sobretudo aqueles e aquelas historicamente violentados em seus direitos constitucionais. Fazer parte do mundo é fundamental para a responsabilidade com ele, não como um dever, mas como um princípio ético.

A capoeira me oportunizou/oportuniza uma percepção de mundo que amplia o que foi ensinado/enunciado por meio do pensamento moderno ocidental, eurocentrado e racista (LIMA, 2016). E nesse sentido, as problematizações decoloniais colaboram para compreender a colonialidade no âmbito subjetivo, relacional, produtivo e em especial no campo dos saberes e dizeres implicados nas práticas pedagógicas, seja na docência, pesquisa e extensão. Nesse velejar, nesse fazer educação na universidade pública, tenho percebido a relevância de se estabelecer uma interface entre o sentimento de pertencimento e a inclusão escolar, num recorte epistemológico, agregando o contributo de bens culturais imateriais brasileiros, em especial, a capoeira, em diálogo com o pensamento decolonial.

Pertencimento pode ser pensado a partir das filiações. Mas, as filiações formais não dizem sobre o sentimento de pertencer. Estabeleço, a partir de minha experiência, uma relação necessária entre sentimento de pertencimento e inclusão escolar.

A escola é a instituição de excelência, em nossa sociedade, para a formação humana. O sentimento de pertencimento é legítimo. É um direito sentir-se integrante nesse mundo de aventuras que é o aprender. A escola é um lugar de aprendizagem, indiscutivelmente. Mas, cabe ponderar o que, como se aprende? Quais sentimentos são mobilizados necessariamente no processo de aprender, dada a complexidade implicada, uma vez que não se trata, aqui, especificamente de conteúdo, mas processos fluidos sobre os quais não se tem controle. Penso a inclusão escolar a partir da responsabilidade de proporcionar, disparar experiências, práticas e estudos que colaborem com o tensionamento de

LIMA, Norma Silvia Trindade de. Inclusão escolar e pertencimento, cruzos a partir da experiência: capoeira e decolonialidade. In MANTOAN, Maria Teresa Egler e LANUTI, José Eduardo de Oliveira Evangelista (Orgs.). **Todos pela inclusão – dos fundamentos às práticas**. Curitiba: CRV, 2021. p. 121-129

fronteiras epistêmicas, tendo em vista a ampliação de chaves outras de compreensão e experiências de mundo, pluriversais. Sentir, dizer, problematizar o nosso lugar no mundo e conhecer outros mundos que coexistem, ainda que em posições desiguais de reconhecimento, legitimidade e condições de enunciação são preceitos inclusivos. Por fim, apesar da colonialidade entranhada em nossas lógicas, práticas e em nossos corpos, a pluriversalidade resiste, existe, cria e luta.

Gratidão por estar aqui! Gratidão por estares aí!

Seguimos! O mundo é grande, as linguagens múltiplas e os caminhos se constroem a todo o tempo conosco ou independente de nós.

Referências

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Imprensa Oficial, 1988.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/71>

LIMA, Norma Silvia Trindade. Capoeira: interfaces na educação e cultura. In SPIGOLON, Nima I.; NETO, Nicola José Frattari; ATAIDE, Patrícia Costa; CASTRO, Rosa Betânia Rodrigues de. **Tambores, Urucuns e Enxadas: práticas e saberes** contribuindo para a formação humana. Ituiutaba: Barlavento, 2019. p.248-261

LIMA, Norma Silvia Trindade; MENDES, Jackeline Rodrigues; FERNANDES, Renata Sieiro. Capoeira e Educação: pelo movimento, pelas narrativas e pela experiência. IN: **Educação, Ciência e Cultura**. v. 25, n. 2, 2020. p. 319-334.

LIMA, Norma Silvia Trindade de. ODE À CAPOEIRA: “além” mar, entre mundos e tambores. In MANTOAN, Maria Teresa Eglér (org.). **Miscelâneas**. Campinas: SP. UNICAMP/BCCL, 2016. p.167-18. Disponível em:

LIMA, Norma Silvia Trindade de. **Inclusão escolar e a identidade do professor: a escola como palco de invenção**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2003.

LIMA, Norma Silvia Trindade de. “Era uma vez um castelo...: o confronto personalidade x impessoalidade no interior de uma instituição filantrópica de atendimento terapêutico-pedagógico para pessoas com autismo e quadros Similares. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 1988.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF: Dossiê: Literatura, língua e identidade**. n.34, p.287-324, 2008.

LIMA, Norma Silvia Trindade de. Inclusão escolar e pertencimento, cruzos a partir da experiência: capoeira e decolonialidade. In MANTOAN, Maria Teresa Egler e LANUTI, José Eduardo de Oliveira Evangelista (Orgs.). **Todos pela inclusão – dos fundamentos às práticas**. Curitiba: CRV, 2021. p. 121-129

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade. O lado mais escuro da modernidade. Revista Brasileira de Ciências Sociais. [on line] vol. 32. n.94. jun/2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In __ (org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente. Um discurso sobre as ciências revisitado**. 2ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs). **Epistemologias do sul**. Portugal: Edições Almedina, 2010.

SIMAS, Luiz Antonio. Pedrinhas miudinhas. Ensaio sobre ruas, aldeias e terreiros. Rio de Janeiro, Mórula, 2019.

Documento áudio visual: CAPOEDUCA ITINERANTE: interfaces entre educação e patrimônio cultural imaterial. Pró-Reitoria de Extensão e Cultura- PROEC/ Edital PEC, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-2sPs7Tbp5c>. Acesso em 21 set 2020.

Norma Silvia Trindade de Lima Doutora em Educação, Capoeirista, Professora da Faculdade de Educação da Unicamp, Departamento de Ensino e Práticas Culturais – DEPRAC, Grupo de Pesquisa em Educação, Linguagem e Práticas Culturais – PHALA. Contato: normal@unicamp.br Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4999266005000077>

LIMA, Norma Silvia Trindade de. Inclusão escolar e pertencimento, cruzos a partir da experiência: capoeira e decolonialidade. In MANTOAN, Maria Teresa Egler e LANUTI, José Eduardo de Oliveira Evangelista (Orgs.). **Todos pela inclusão – dos fundamentos às práticas**. Curitiba: CRV, 2021. p. 121-129